UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Clara de Souza Araújo

Espaço Público e Desigualdade Social

Trabalho realizado sob orientação do
Professor Doutor Vitor Oliveira

Outubro 2022

UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Clara de Souza Araújo

Espaço Público e Desigualdade Social

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação defendia em provas públicas
na Universidade Lusófona do Porto no dia
25/10/2022, perante o júri seguinte:
Presidente: Prof. Doutor Pedro Cândido Almeida D´Eça Ramalho (Professor Catedrático da Universidade Lusófona do Porto)
Arguente: Profª Doutora Ana Cláudia Pereira Monteiro (Professora Auxiliar Convidada da Universidade Lusófona do Porto)
Orientador: Prof. Doutor Vítor Manuel Araújo de Oliveira (Professor Catedrático da Universidade Lusófona do Porto)

Outubro 2022

É autorizada a reprodução integral desta dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante a declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, sempre presente, por iluminar meu caminho nos momentos difíceis.

Aos meus pais, Fernando e Ana Cláudia, que sempre me encorajaram e colocaram meus estudos em primeiro lugar, pelo apoio incondicional.

Ao meu orientador, Professor Doutor Vitor Oliveira, pelo apoio constante e disponibilidade, os conselhos e sugestões foram determinantes para o resultado alcançado.

Aos meus amigos, que estão sempre presentes e que de maneira direta ou indireta me auxiliaram no desenvolvimento desta dissertação. Em especial, aos que partilharam essa experiência e divido meu dia a dia.

Por fim, agradeço a minha família, que mesmo distante, sempre me incentivou neste processo.

Espaço Público e Desigualdade Social

Resumo

O espaço público é de extrema importância na forma e estrutura urbana, influenciando fatores económicos, sociais e ambientais, e representando um lugar de encontros e socialização. Ainda que a sua valorização enquanto objeto transformador para o desenvolvimento e qualidade de vida seja algo recente, o espaço público é fator estruturante nas cidades e influencia a maneira de viver e de se expressar de uma sociedade.

A dissertação aborda as relações entre o espaço público e a desigualdade social, discutindo o modo como aspectos físicos, sendo eles planeados ou não, tem diferentes impactos sobre a vida em sociedade.

O caso de estudo do parque da *High Line*, uma iniciativa da organização sem fins lucrativos *Friends of the High Line* suporta um conjunto de reflexões em torno dos impactos sociais da requalificação de uma grande infraestrutura urbana (uma linha férrea), através de uma análise de indicadores sociais, e de uma série de leituras e explorações pessoais.

A investigação aponta para que a intervenção na *High Line* contém pontos positivos e negativos, uma vez que a transformação do parque teve efeitos que tomaram uma proporção maior do que o esperado, podendo segregar ou integrar a comunidade.

Palavras-chave: Espaço Público, Desigualdade Social, *High Line*.

Public Space and Social Inequality

Abstract

Public space is of extreme importance in urban form and structure, influencing economic, social and environmental factors, and representing a place for meetings and socialization. Although it´s appreciation as a transforming object for development and quality of life is recente, public space is a structuring factor in cities and influences the way of living and expresssing itself in a society.

The dissertarion addresses the relationship between public space and social inequality, discussing how physical aspects, whether planned or not, have different impacts on life in society.

The High Line Park case study, an initiative of the non-profit organization Friends of the High Line, supports a set of reflections around the social impacts of the requalification of a large urban infrastructure (a railway line), through an analysis of social indicators, and a series of personal readings and explorations.

The investigation points out that the intervention on the High Line contains positive and negative aspects, since the transformation of the park had effects that took a greater proportion than expected, being able to segregate or integrate the community.

Keywords: Public Space, Social Inequality, High Line.

Índice Geral

Agradecimentos i
Resumo ii
Abstract iii
Índice de Figuras v
Índice de Tabelas vi
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO 12
1.1 Enquadramento e Justificação do Tema 13
1.2 Objetivos do Trabalho 13
1.3 Metodologia e Estrutura de Conteúdos 14
CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA 16
2.1 Evolução do Espaço Público 17
2.2 Desigualdade Social 20
2.3 Relação do Espaço Público e da Desigualdade Social 22
2.4 Planeamento do Espaço Público 24
CAPÍTULO III – HIGH LINE 28
3.1 High Line 29
3.2 Friends of the High Line 31
3.3 Design 35
CAPÍTULO IV – DIMENSÃO SOCIAL DA HIGH LINE 40
4.1 O novo zonamento do Hudson Yards 41
4.2 O efeito High Line 42
4.2.1. Valor Imobiliário 45
4.2.2 Emprego e Renda 48
4.2.3 Violência e Criminalidade 50
4.3. Síntese 52
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS 53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 57

Índice de Figuras

Figura 1: Pirâmide Social 21
Figura 2: "What makes a great place?" 25
Figura 3: "Death Avenue" e os "West Side Cowboys" 29
Figura 4: Linha férrea elevada 30
Figura 5: High Line enquanto ruína 30
Figura 6: Logo Friends of the High Line 31
Figura 7: Resposta a uma convocação para um debate sobre a High Line. 32
Figura 8: Grafiti na ruína da High Line 32
Figura 9: High Line by Sections 33
Figura 10: Promenade Plantée 34
Figura 11: High Line imagem aérea 35
Figura 12: Trilhos ao logo do parque 36
Figura 13: Trilhos ao longo do parque 36
Figura 14: Pavimento e vegetação 36
Figura 15: Sistema de iluminação nos bancos 37
Figura 16: Vista aérea, vegetação e mobiliário 38
Figura 17:Vista aérea, vegetação 38
Figura 18: Vista aérea, mobiliário urbano 38
Figura 19: Hudson Yards Re(Zoning) Representação Gráfica. 41
Figura 20: Empreendimentos no entorno da High Line 43
Figura 21: Home Sales Near High Line Park. 46
Figura 22: Home Valuations Near High Line Park. 47
Figura 23: Home Valuations Near High Line Park. 47

Índice de Tabelas

Tabela 1: Comportamento do Indivíduo no Espaço Público. 26
Tabela 2: Neighborhood Indicators - Labor Market 49
Tabela 3: Neighborhood Indicators - Income and Poverty. 50
Tabela 4: Neighborhood Indicators - Crime and Incarceration 51

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1.1 Enquadramento e Justificação do Tema

Marcado por séculos de história e importância na cidade, o espaço público é considerado por Indovina (2002) como fundador da cidade e condição para a sua existência, sendo símbolo de identificação.

Jan Gehl (2011) explica que a vida em espaços públicos de qualidade é parte fundamental de uma vida democrática e completa. Com isso em consideração, analisar não somente as dimensões físicas do espaço público, mas também aprofundar a sua dimensão social. Utiliza-se como caso de estudo o parque da *High Line* em Nova Iorque, evidenciando como os dois aspectos estão interligados e influenciam na vida e preocupações quotidianas de uma sociedade.

O entorno, tanto quanto o parque da *High Line*, provoca um grande fascínio. Por ser considerado um dos projetos de desenvolvimento urbano de maior sucesso dos últimos tempos (Uffer e Ascher, 2015) muito conteúdo é produzido a respeito do parque. Além da iniciativa comunitária, os impactos económico, cultural e social nas áreas adjacentes ajudam a perceber como é que a intervenção do espaço público está relacionada com a sua dimensão social.

Enquanto investigação académica, um estudo que aborda os espaços públicos e a sua relação com a desigualdade social justifica-se uma vez que diariamente são levantadas questões à volta do tema, entendendo-se a relevância do espaço público para transformação de uma cidade.

1.2 Objetivos do Trabalho

Um espaço público de qualidade funciona como ferramenta para a regeneração de cidades e ajuda a minimizar problemas relacionados com a segregação social, ainda que esta ocorra muitas vezes de modo involuntário. A dissertação aborda as relações entre os aspectos físicos de um espaço público e a sua dimensão social, com o enfoque no parque da *High Line*.

Com isso em mente foram definidos objetivos gerais para a dissertação, sendo eles:

1. Compreender como a desigualdade social se relaciona com o espaço público;
2. Entender a importância do espaço público enquanto ferramenta transformadora e influente nas desigualdades sociais.

Para responder aos objetivos gerais definidos anteriormente, foram estabelecidos objetivos específicos que se relacionam com o caso de estudo definido e com o seu impacto na cidade:

1. Qual seria o contributo mínimo que o parque deveria proporcionar para a sua dimensão social?
2. A *High Line* é um instrumento de segregação ou de integração social?

1.3 Metodologia e Estrutura de Conteúdos

Para a elaboração da dissertação a pesquisa foi fundamentada, numa primeira fase, numa revisão bibliográfica sobre as transformações do espaço público e a sua relação com as desigualdades sociais, possibilitando a contextualização referente ao tema desenvolvido e objeto de estudo.

Após algumas pesquisas ficou definido o parque da *High Line* como foco do estudo. Foi então feita a recolha de dados históricos e gráficos para o enquadramento do caso analisado. Num segundo momento, foi iniciada a investigação referente a dimensão social da *High Line*, onde foram definidos três tópicos para serem analisados, com o apoio em pesquisas desenvolvidas e censos demográficos realizados pelo governo local de Nova Iorque, o que serviu de suporte para as conclusões do estudo sobre um espaço integrativo ou segregador.

Com todas as informações reunidas e consideradas, a dissertação foi desenvolvida de forma a responder aos objetivos propostos e está organizada em cinco capítulos. O capítulo de introdução apresenta uma visão geral dos conteúdos abordados, com a contextualização e justificação do tema desenvolvido, os objetivos gerais e a metodologia utilizada para o desenvolvimento e conclusão do trabalho proposto.

Com a intenção de melhor compreender os conceitos que englobam o tema da dissertação desenvolvida, o capítulo II aborda uma revisão da literatura que sintetiza a evolução do espaço público e o seu planeamento, a evolução e características da desigualdade social, e como esse dois tópicos, espaço público e desigualdade social, se relacionam, explorando a importância do espaço público na cidade. Essa fase é considerada essencial para que posteriormente seja possível analisar os aspectos físicos e sociais que envolvem o caso de estudo e como um espaço público pode impactar a cidade e seu entorno.

O capítulo III, *High Line*, é dedicado à apresentação do caso de estudo, com uma descrição da sua história desde a construção da linha férrea, seu declínio e abandono até a criação do grupo *Friends of the High Line*, a ideia para a sua reconversão e o projeto desenvolvido.

O capítulo IV centra-se na relação do parque da *High Line* com a sua dimensão social. A partir de estudos e indicadores, o capítulo tem como finalidade entender se a *High Line* é um espaço público que promove a integração social ou se mesmo com o sucesso obtido pelo parque, ele pode ser causador de uma segregação social na sua envolvente.

A dissertação finaliza com o capítulo 5, que pretende sintetizar e discutir os resultados obtidos a partir da análise feita no capítulo anterior.

CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA

"Public life in good quality public spaces is an important part of a democratic life and a full life."

Jan Gehl, 2011.

2.1 Evolução do Espaço Público

O espaço público pode ser definido como a própria cidade uma vez que reflete os diferentes tipos de interação que nela acontecem, sendo eles sociais, políticos, económicos e culturais. Vieira (2018) explica que além de espaços de estar, eles são áreas de conexão onde as pessoas têm o direito de se expressar e assumir seus deveres como cidadãos de maneira livre.

Composto por ruas, parques, praças e jardins e caracterizado pela sua multifuncionalidade e destaque no tecido urbano, o espaço público é todo o espaço que seja de livre acesso a todos os que desejarem usufruir dele (Machielse, 2015).

A UN-Habitat (2016) considera que este é um espaço do público em geral, das diferentes classes sociais, económicas e de todas as idades, sendo dividido em três categorias principais: i. os espaços multi-usos, aqueles que são mais utilizados pela população no dia-a-dia, disponíveis a qualquer momento e versáteis como as ruas e praças; ii. os espaços abertos, possuem uma utilização ocasional e são cuidados pela cidade, como os parques, jardins e praias; e iii. os estabelecimentos públicos, apesar de não terem custos, são ambientes fechados e com horários limitados, como as bibliotecas e mercados públicos.

Em resumo, o espaço público pode ser considerado um espaço equitativo, de livre acesso e expressão, um lugar de encontro, em que não é necessário um status social e onde todos têm direito à cidade. Como conclui Santos (2018), o espaço público é um 'vazio' na cidade que se insere num contexto gerado não só pela sua dimensão física e espacial, mas também pela sua dimensão social.

O espaço público é cenário de diferentes interações sociais através de manifestações políticas, apresentações artísticas, comércio e mercados de rua, atividades desportivas e lazer. Desde a antiguidade até os dias atuais, o espaço público passou por mudanças formais e funcionais que espelham o momento na história e cultura de uma sociedade.

Como descreve Wickert (2019) estes espaços são configuradores da paisagem urbana, e apesar de cada época ter estabelecido diferentes relações com esses espaços, eles ocupam um lugar central na configuração humana.

Na civilização Maia ou no Antigo Egito estavam presentes algumas das características que definem o espaço público, em espaços recreativos ou de afirmação religiosa. (Santos, 2018)

A partir do momento que as cidades passam por transformações, em especial mudanças nas atividades comerciais e económicas, o espaço público também sofre alterações. As ágoras nas cidades gregas e os fóruns nas cidades romanas eram espaços abertos dedicados às transações de mercadorias onde a população se encontrava para partilha de informações (Peppas, 2005).

Com a coexistência de três principais poderes, religioso, civil e comercial, nas cidades medievais após o fim do império romano, o espaço público passou a ser mais utilizado. Como explica Vieira (2018), é possível perceber como a situação da sociedade se reflete na configuração e organização do tecido urbano, o que ocorre desde as cidades medievais, com um cenário de insegurança, com cidades muralhadas e concentradas em torno de construções religiosas e praças de comércio.

No início da idade moderna, entre os séculos XV e XVII, transformações políticas e económicas afetaram a sociedade, o que consequentemente reconfigurou a estrutura urbana das cidades e os seus espaços públicos. O renascimento aplica uma das características fundamentais na história do espaço público, a introdução do seu planeamento, perspectiva e geometrização que, como na arquitetura, também passou a ganhar expressão no tecido urbano. (Gonçalves, 2006). Surgem então os primeiros jardins e parques urbanos localizados em lugares de destaque nas cidades, que enquadravam palácios e monumentos e que fomentavam a socialização e integração das pessoas.

A sociedade moderna apresenta um desejo de mudança e desenvolvimento. Com a Revolução Industrial, durante os séculos XVIII e XIX o processo de industrialização gerou um crescimento urbano e demográfico em diversas cidades e regiões. Aliado a isso, surgiram problemáticas que envolviam a higiene e saúde, construções ilegais e rudimentares e a organização urbana da cidade.

Após surgirem as primeiras teorias sobre como a configuração do tecido urbano, a proximidade com as fábricas e as condições precárias afetavam a qualidade de vida da sociedade como um todo, na primeira metade do século XIX, o modernismo introduziu experiências e medidas interventivas de planeamento urbano nas cidades com a intenção de transformar os espaços existentes.

Como explica Vieira (2018), as ações implementadas, como o alargamento de avenidas, obras de infraestruturas, novas habitações e bairros residenciais para classe média, bairros

operários, a verticalização das construções e a extinção de áreas insalubres, alteraram a configuração da cidade com um “urbanismo sanitarista”.

É possível perceber como a situação da sociedade se reflete na configuração e organização do tecido urbano das cidades modernas, onde o setor industrial e o mercado imobiliário influenciaram o crescimento acelerado e desordenado que ainda persistem. O tecido urbano passou a ser dividido de acordo com os usos e funções, fazendo uma alusão a uma organização fabril e setorizada.

Com a eliminação de parques e passeios, a manipulação da organização do espaço público com elementos de iluminação e vegetação para excluir uma classe social que não era considerável agradável, a criação de bairros residenciais para a classe média e alta, a privatização de espaços públicos e a sua substituição por centros comerciais e espaços privados abertos ao público, Lippolis (2016) explica que a ideia de espaço público como ele deve ser foi perdida.

As cidades modernas tornaram-se atrativas, mas continham ainda fortes problemáticas. Aparentemente, o campo permitia mais recursos naturais e proximidade com a natureza, no entanto, tinha menores possibilidades de emprego. São então pensadas as cidades-jardim, unindo benefícios dos dois contextos analisados, tentando resolver questões do crescimento desordenado das cidades.

Com o fim do modernismo, a partir da deterioração de áreas nas cidades, lugares abandonados e esvaziamento de áreas centrais, a dinâmica presente nas cidades começou a mudar influenciada por uma evolução na economia e no mercado de trabalho e pela mudança de pensamento e de estilo de vida.

Como é observado, movimentos artísticos conseguiram transformar os vazios, ou espaços públicos, que foram deixados nas cidades. Desde os anos 50, em áreas marginalizadas, foram sendo difundidos os *adventure playgrounds,* antigos parques infantis malsucedidos, que se transformaram em novos espaços públicos para a cidade. Nas décadas de 60 e 70, a *Public Art* requalifica áreas degradadas com diversos programas artísticos e surgem os *community gardens,* para combater a falta de alimento e tornar o espaço público, e consequentemente a cidade, mais vivos. Já nos anos 80, o *skateboard* e o *graffiti* começam a ser introduzidos na cultura e na forma de utilização dos vazios e espaços públicos. A arte cívica, nos anos 90, pretendia transformar o espaço público com a participação da sociedade, preservando sua identidade e intervindo no contexto social (Santos, 2018).

Hoje, ainda persistem conceitos e práticas do urbanismo moderno, no entanto, o planeamento atual procura muitas vezes adequar-se ao novo cenário com processos de transformação urbana com a intenção de melhorar a qualidade do espaço público e a qualidade de vida da sociedade no geral. Ainda que mais uma vez seja fomentada pelo mercado imobiliário, retoma-se o interesse e a necessidade de valorização do espaço público e espaços verdes na cidade (Vieira, 2018).

2.2 Desigualdade Social

A desigualdade social é uma característica de praticamente todas as sociedades. Descrita como um princípio que organiza a estrutura hierárquica na sociedade e que se mostra no acesso desigual a bens e lugares, informação e poder, tem o *status* o fator determinante para a posição social do indivíduo e a sua diferenciação, incluindo idade, género, classe e raça (Price & Feinman, 2014).

Diversos autores explicam que, mesmo sendo tema de diferentes estudos e debates sociológicos, ainda não se chegou a um consenso sobre os motivos para o surgimento das desigualdades sociais e a sua disseminação. Karl Marx explica que a desigualdade social tem origem em diferenças não só económicas, mas também simbólicas, entre a burguesia e o proletariado (Porfírio, 2019).

Mattison et al. (2016) argumentam que a evolução da desigualdade social depende fundamentalmente da defensibilidade económica e da transmissibilidade da riqueza, apesar de reconhecerem que a desigualdade pode ser consequência de uma variedade de processos. Geralmente, quanto maior a desigualdade social em um país ou comunidade, maior é a pobreza e a diferença nos indicadores sociais de índice de desenvolvimento humano (IDH), renda per capita e nível de escolaridade.

O conceito de estratificação social classifica indivíduos em grupos de acordo com as desigualdades sociais que os atingem e assim os separa do restante da sociedade. Desse modo, uma camada da sociedade passa a não ter acesso ao mesmo tipo e quantidade de serviços que estão disponíveis para outras classes. Podendo ser dividida em quatro tipos, escravidão, sistema de castas, estamentos e sistema de classe, a estratificação social está presente em diversos períodos da história e dá expressão a sociedades baseadas em pirâmides hierárquicas, onde uma minoria é favorecida (Rodrigues, sem data).



Figura 1: Pirâmide Social

(brasilescola.uol.com.br/sociologia/estratificacao-desigualdade-social.htm)

Max Weber, sociólogo e economista, argumenta que somente a questão material era insuficiente para influenciar a construção social e que outros fatores têm influência na complexidade da desigualdade social, o que gera a necessidade de analisar diferentes variáveis que afetam a construção social de um indivíduo.

Os diferentes sistemas políticos e económicos geraram desigualdades ao longo dos séculos, desde sistemas feudais, onde a classe era definida no nascimento e a mobilidade social praticamente inexistente, até ao processo de industrialização no século XIX sem um controle estatal e com uma divisão que beneficiaria uma única classe. Como explica Porfírio (sem data), as ideologias de classe sempre foram instrumentos que visam manter a dominação entre classes sociais mais altas e mais baixas.

Com a evolução para uma sociedade capitalista e novos estilos de vida, além dos desafios urbanos e territoriais, existiu um crescimento nos desafios e desigualdades sociais, sendo que os dois juntos geraram consequências como a sobrepopulação, a criminalidade, a segregação social e disparidade económica.

Sendo um dos grandes desafios enfrentados atualmente em diferentes áreas do cotidiano, o plano económico é o mais reconhecido. Independente da sua forma, a desigualdade social se materializa no espaço geográfico e social. Como explica Pena (sem data), a desigualdade social é visível na composição estrutural da sociedade - as cidades exemplificam as diferenças económicas e sociais entre os indivíduos.

2.3 Relação do Espaço Público e da Desigualdade Social

As ações tomadas no século XIX com o chamado 'urbanismo sanitário', mencionado anteriormente, marcaram operações de segregação espacial das cidades capitalistas (Andrade, 1992). Classes de baixo poder aquisitivo foram sendo excluídas cada vez mais do convívio social nas áreas centrais da cidade (Vieira, 2018).

A partir desse novo tecido urbano desenvolvido, o espaço público, que antes tinha um papel agregador e de fortes e significativas interações sociais, tornou-se num simples elemento de passagem. A segregação urbana se transformou em uma segregação social, e esse movimento fez o espaço público perder sua representatividade na cidade. Os impactos sociais e territoriais decorrentes do planeamento urbano do século anterior omitem qualquer cuidado com a vida social como descrito por Jacobs (1961/2000) (Vieira, 2018).

Diversos estudos indicam que a conectividade e a comunicação entre os indivíduos numa cidade dependem do encontro e da interação das pessoas. O sociólogo Linton Freeman propõe uma ideia onde 'todas as restrições à interação, envolvendo o espaço físico ou não, são formas de segregação – no espaço social' (Freeman, 1978). Netto (2017) explica que o conceito abordado por Freeman 'sugere que a ausência de encontros entre pessoas pode gerar uma forma sutil, mas eficaz de segregação, especialmente entre pessoas socialmente diferentes'. O mesmo autor conclui que a falta de espaços públicos é parte essencial da experiência e reprodução da segregação (Netto, 2017).

Como menciona Netto (2017), o economista Thomas Schelling explica que ações e decisões individuais, como por exemplo quando uma família decide morar em um condomínio fechado em busca de segurança ou em edifícios altos cercados por jardins, esse aumento de proteção com muros e barreiras pode gerar problemas e resultados em grande escala, contribuindo para o desenvolvimento de áreas segregadas, para a redução da quantidade de comércio no bairro, diminuição da presença de pedestres, eliminação de espaços públicos e aumento da criminalidade.

O fenómeno da segregação urbana e social acontece - ainda que de modo não intencional. Como muitas vezes essas problemáticas não são visíveis e acontecem silenciosamente como consequências de ações diárias na criação de espaços públicos e privados, Netto (2015) argumenta que essa é uma das maiores dificuldades para a mudança nas cidades.

Com as transformações das cidades ao longo dos séculos, passa a existir a necessidade de mudança e resolução de problemas físicos, ambientais e sociais. Pozzi (2014) explica que as medidas tomadas para regenerar a cidade devem envolver todas as partes da cidade, as partes

desenvolvidas e planeadas e os assentamentos informais. O mesmo autor considera que as cidades contemporâneas devem aceitar e incluir os espaços que antes eram desprezados através de projetos regenerativos.

Outro fator que deve ser considerado é o aumento no uso da tecnologia, o que, sem dúvidas, gera um novo modelo de sociedade. Apesar do seu impacto positivo e de representar uma nova maneira de interação, a tecnologia aumentou o isolamento das pessoas e, de acordo com Lippolis (2016), intensifica a anulação da sensação do próprio espaço público através de imagens da internet e televisão. Com isso em mente, existe o desafio de fazer com que os espaços públicos permitam e unam o uso de diferentes tecnologias com os atos de socialização e integração.

Para a resolução das problemáticas apresentadas como consequência do urbanismo moderno, o espaço público tem papel fundamental, sendo considerado um dos alicerces para a identidade das cidades e para a obtenção de qualidade de vida (UN-Habitat, 2016a). A sua estruturação representa uma melhora dos índices de desenvolvimento humano, segurança e saúde. No entanto, para que o espaço público seja realmente transformador na cidade, Wickert (2019) alerta que é preciso compreender o que é a vida pública e como propor soluções eficazes e com viabilidade económica.

A segregação socioeconômica da sociedade é evidente na configuração do tecido urbano. Essa disparidade espacial reflete-se na qualidade do espaço público, 'ferindo' direitos básicos de cidadania. O espaço público deve ser usado como instrumento de oportunidade para alcançar uma justiça espacial urbana (Borja & Muxí, como citado em Vieira, 2018).

Vieira (2018) explica que a UN-Habitat (2016a) definiu 11 fatores na conceção do espaço público que podem ser divididos em três fatores principais:

Fatores político-económicos, uma vez que o espaço público de qualidade gera riqueza, não só através da criação de emprego, atividades económicas formais e informais e turismo, mas também por aumentar o valor dos terrenos envolventes (Future of Places, 2013).

Fatores ambientais, diminuindo o impacto humano como a poluição, densidade de áreas edificadas e mudanças climáticas, o espaço público apresenta um papel fundamental na sustentabilidade, e promove a saúde física e mental. A agricultura urbana, a vegetação, e circuitos que envolvem água e alimentação têm também uma componente social relevante, podendo atrair mais cidadãos e turistas (UN-Habitat, 2016a).

Fatores sociais, onde o espaço público pertence ao cidadão, sendo um espaço misto que diminui a insegurança e para a utilização de todos independente da idade, género e condição social. O espaço público ajuda na criação de um sentido de "(...) comunidade, de uma identidade cívica única e de cultura (...)" (UN-Habitat, 2015, p.4) que promove a inclusão social e equidade de qualquer indivíduo, devido às dinâmicas que estas criam, quando devidamente adaptado ao local (Pinto et al., 2008).

Diversos estudos concluem que o espaço público é de extrema importância na configuração do espaço urbano, influenciando fatores económicos, sociais e ambientais. Por ter um grande impacto na qualidade de vida das populações, a dimensão social relativamente à sua inclusão e o desenho e manutenção adequado dos espaços públicos podem ajudar na interligação social dos indivíduos (Future of Places, 2013).

Cada vez mais arquitetos e sociólogos debatem as problemáticas e procuram mudar a percepção implantada no modernismo. Propõem cidades que são centradas na escala humana e atividades presentes no dia-a-dia da sociedade, que criam um cenário de convívio social nos espaços públicos. Como explica Jane Jacobs (2000), as cidades têm a capacidade de oferecer algo a todos, mas só porque e quando são criadas por todos. A melhoria dos espaços públicos quando inclui a população em situação mais vulnerável, reforça a equidade e promove a inclusão social e de género e melhora a coesão da comunidade (Future of Places, 2013).

2.4 Planeamento do Espaço Público

Analisando medidas e estratégias implementadas é possível definir princípios que direcionam o planeamento de um espaço público qualificado e equitativo. Alguns autores separam o espaço público em duas dimensões, a dimensão física e a social. Gehl (2011) explica que antes de se pensar em edifícios e na dimensão física do espaço, deve ser considerada a vida e as relações na sociedade. Para isso ser aplicado é imprescindível entender como é feita a utilização do espaço público, qual é a faixa etária e o género, a localização e a época do ano e os diferentes tipos de interesse, uma vez que esse possibilita inúmeras interações e dinâmicas entre os cidadãos e entre o indivíduo e o espaço.

Como explica Santos (2018), com base em outros autores, os próprios edifícios e comércio, atividades e entretenimento, a diversidade e densidade, as condições climáticas, a comida e bebida, o relaxamento e lazer e eventos relevantes são alguns dos fatores que incentivam o uso do espaço público; e a sua não utilização é influenciada por questões como a distância, um mau desenho e

planeamento, falta de manutenção e problemas de segurança. A segurança nos espaços públicos é mais eficaz quando a sua utilização é feita de maneira espontânea e ininterrupta, como explica Jacobs (1961/2000).



Figura 2: "What makes a great place?"

(Santos, 2018)

O espaço público equitativo e acessível proporciona encontros e diversidade social através de atividades e uma grande variedade de usos, o que gera uma cidade de qualidade a nível social e económico (Jacobs, 1961/2000). Gehl (2010) definiu três categorias para as atividades que são realizadas no espaço público. As atividades necessárias, aquelas que são indispensáveis como o trabalho e compras; as atividades opcionais, quando são desejadas pelo indivíduo e condicionadas pelo tempo livre e questões climáticas como por exemplo uma caminhada; e as atividades sociais, que necessitam do contato com outras pessoas. O planejamento adequado influencia a realização e a qualidade dessas atividades quotidiana, além do comportamento das pessoas na sociedade e no espaço público. Santos (2018) sintetiza esse comportamento do indivíduo no uso do espaço público na seguinte tabela:

Andar	Permanecer em pé	Sentar
• Apropriado a qualquer pessoa • Liberdade de movimento • Superficies regulares e niveladas • Desvios curtos e atalhos • Uso de rampas	(curta duração) • espaço não é influenciável (longa duração) • *"edge effect"* • Junto a um equipamento urbano ou parede	• Bancos confortáveis e flexíveis • Quantia adequada de bancos • Bancos localizados nas extremidades dos espaços públicos • Contemplar a envolvente

Tabela 1: Comportamento do Indivíduo no Espaço Público.

(Santos, 2018)

O processo para o planeamento e desenho do espaço público passa por diversas etapas, desde um levantamento de informações e objetivos, elaboração de ideias e propostas, a avaliação das soluções e a tomada de decisão (Santos, 2018). É importante salientar que esse processo não é e nem deve ser linear, mas sim um desenvolvimento constante com avanços e retrocessos.

Como explicam alguns autores é possível definir princípios que devem orientar o desenho do espaço urbano para que eles sejam planejados de forma adequada e se torne de qualidade e agradável. A definição, a forma e a dimensão do espaço público está diretamente relacionada com o seu conforto, como explica Jacobs (1961/2000), os quarteirões devem ser curtos, o comprimento não deve ser superior ao triplo da largura. A escala atribuída a edifícios e espaços deve gerar um equilíbrio e ser adequada para o mesmo, se aproximando de uma escala humana (Krier, 1999), para que não influencie de forma negativa o espaço público, prejudicando a exposição solar ou correntes de ventos. As ruas e passeios devem ser desenhados possibilitando o menor trajeto possível, permitindo assim uma circulação fácil e rápida, no entanto é importante considerar a sua dimensão para o conforto dos peões e para receber equipamentos urbanos que não interfiram com a circulação.

Os elementos urbanos englobam os pavimentos, que devem ser escolhidos de acordo com as características da área em que está localizado, da sua forma e textura, e é importante a utilização de elementos naturais; a vegetação, que acrescenta valor visual e conforto ao espaço público (Santos, 2018) aumentando a qualidade de vida; a iluminação artificial, fator principal na segurança dos espaços, com a sua implementação adequada ao tamanho do espaço; e o mobiliário urbano, gerando funcionalidade ao espaço e criando elementos de escala humana.

Outro ponto importante de salientar são os tipos de modelo de planeamento, em especial, o modelo de planejamento urbano participativo que integra todos os que têm interesse no desenvolvimento do espaço. A população que antes era apenas uma observadora das transformações que ocorriam nas cidades, começou a participar no planeamento urbano na década

de 60 com reflexões de Giancarlo De Carlo que queria responder às adversidades sociais e políticas da época (Santos 2018).

Entendendo os desafios provenientes desse método, a participação pública, sendo ela passiva, apenas com a divulgação da informação; ou ativa, onde existe a partilha de ideias e uma interação entre os participantes, permite um planejamento inclusivo e integrativo, garantindo a funcionalidade e qualidade do espaço a curto e longo prazo, necessários para aquela comunidade e gerando a identificação dos indivíduos com aquele espaço público.

CAPÍTULO III – HIGH LINE

3.1 High Line

O *High Line* é um parque urbano suspenso com cerca de 2,33km que surgiu através da transformação de uma linha férrea desativada e abandonada no West Side de Manhattan, em Nova Iorque. Considerado por muitos um dos projetos de desenvolvimento urbano mais bem-sucedidos atualmente, Uffer e Ascher (2015) explicam que o parque proporcionou vitalidade para uma área antes ignorada e impactou económica, cultural e socialmente a envolvente da linha.

No século XIX, a linha férrea destinada ao transporte de cargas e alimentos percorria o que era considerado o maior distrito industrial de Manhattan no nível da rua. A divisão do tráfego ferroviário com os automóveis e peões provocava um número tão alto de acidentes e com tantas mortes que a *10th Avenue* ficou conhecida como a *"Death Avenue*", Avenida da Morte. Para responder a esse problema atuavam na avenida os *West Side Cowboys*, homens a cavalo que trafegavam com bandeiras vermelhas para alertar os veículos e pedestres sobre a passagem dos comboios.



Figura 3: "Death Avenue" e os "West Side Cowboys"

(www.thehighline.org/photos/historical/)

Como parte do *West Side Improvement Project,* na década de 1930 a linha férrea foi elevada com o objetivo de separar o tráfego ferroviário dos automóveis e pedestres e em 1934 já operava na sua total capacidade transportando toneladas de produtos. A *High Line* foi projetada para atravessar o interior dos quarteirões no meio dos edifícios e não sobre a *10th Avenue*, essa decisão além de otimizar a entrega dos produtos transportados até as fábricas e armazéns, não causava um impacto negativo associado aos viadutos e linhas elevadas.



Figura 4: Linha férrea elevada

(www.thehighline.org/photos/historical/)

A partir da segunda metade do século XX, como consequência do desenvolvimento acelerado do transporte rodoviário, a utilização dos trens e da linha férrea foi reduzida. Nos anos 60, uma das seções localizadas no extremo sul da linha férrea foi demolida e a *High Line* passou a ter cerca de 2,3km, conectando a *West 34th Street* até a *Gansevoort Street,* permanecendo assim até hoje. O seu declínio continuou na década seguinte e a *High Line* foi completamente desativada em meados da década de 80 e permaneceu abandonada assumindo o aspecto de ruína urbana, com desgastes materiais e invadida pela vegetação (Jardim, 2012).



Figura 5: High Line enquanto ruína

(www.thehighline.org/photos/historical/)

3.2 Friends of the High Line

Durante os anos 90, inutilizada e com a pressão feita por donos de terras e edifícios do distrito de Chelsea, em Manhattan, e com o apoio do Mayor da época, o que restava do viaduto da *High Line* estava destinado a demolição. Em 1999, num conselho comunitário, onde a maioria queria a demolição ou não se importava com a decisão que seria tomada, dois moradores do bairro de Chelsea que até então não se conheciam, Joshua David e Robert Hammond, descobriram que ambos partilhavam um fascínio pela linha férrea e decidiram fundar uma associação sem fins lucrativos, o *Friends of the High Line.*



Figura 6: Logo Friends of the High Line

(pershingsquarefoundation.org/portfolio-organization/friends-high-line/)

Os fundadores do grupo tinham o objetivo de preservar a linha e transformar a estrutura em um espaço público para a cidade de Nova Iorque, para o bairro e para os moradores. Como explicam os fundadores, eles queriam salvar o *High Line* para criar algo extraordinário para a cidade, com um design tão interessante e incomum como a própria estrutura.

Para buscar o apoio da comunidade, a associação promoveu reuniões e debates sobre a restauração e ideais sobre o futuro da *High Line*, e estudos comprovaram a viabilidade económica da sua recuperação. As campanhas feitas combinaram o envolvimento da população, a presença nos mídia, pressões sobre o governo e o apoio financeiro de celebridades. Em 2002 receberam o primeiro apoio público da Câmara de Nova Iorque com uma resolução que apontava para a reutilização da *High Line*.

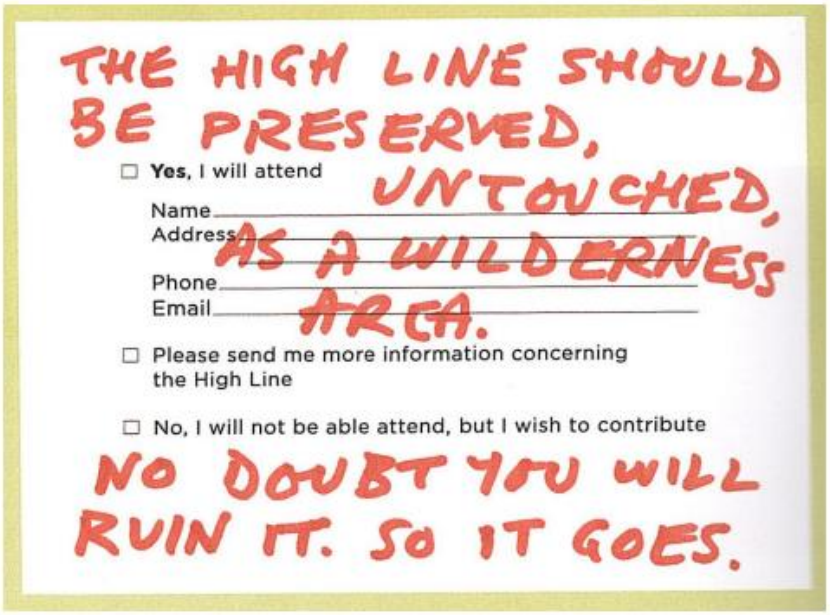


Figura 7: Resposta a uma convocação para um debate sobre a High Line.

(adaptado de Jardim, 2012)



Figura 8: Grafiti na ruína da High Line

(www.thehighline.org/photos/historical/)

Em 2003 foi lançado um concurso de ideias para a reutilização da linha férrea, chamado *Designing the High Line*. A associação recebeu propostas de 720 equipas, entre elas estavam cidadãos comuns, estudantes e arquitetos, de 36 países diferentes que foram expostas na *Grand*

Central Station, junto da história da *High Line* e das etapas para a sua transformação. A publicidade do concurso aumentou a consciencialização e entusiasmo do público para com o projeto, que obteve financiamento municipal, estadual e federal para o planeamento e construção (Berens, 2011). Foram selecionados para o projeto o escritório de arquitetura paisagística James Corner Field Operations e o escritório Diller Scofidio + Renfro.

A companhia *CSX Transportation* que detinha a *High Line* apoiava a sua transformação, tanto que em 1999 já analisavam as alternativas possíveis para a linha férrea. Em 2005 a companhia doou a estrutura à cidade quando ficou aparente o interesse e apoio da Câmara de Nova Iorque em reutilizar a *High Line* (David e Hammond, 2011).

A execução do projeto iniciou-se em 2006 e três anos depois, em 2009, a chamada seção 1 do *High Line Park*, que se estende da *Gansevoort Street* até a *West 20th Street*, foi aberta ao público. Em junho de 2011 foi inaugurada a seção 2, entre a *West 20th Street* e a *West 30th Street*. Após a abertura do segundo trecho requalificado, foi aprovada a seção 3, entre a *West 30th Street* e a *West 34th Street*, chamada de *High Line at the Rail Yards* e aberta em 2014.



Figura 9: High Line by Sections

(The High Line: New York City's Park in the Sky, 2011)

A requalificação da *High Line* segue um modelo visto na *Promenade Plantée,* um parque urbano suspenso da década de 90 em Paris, que, como em Nova Iorque, também está localizado em um grande centro urbano, foi concebido a partir da reconversão de uma antiga linha férrea desativada e passa por edificações que delimitam as suas seções (Jardim, 2012).

Berens (2011) explica que a *Promenade Plantée* é mencionada com frequência pelos fundadores do grupo *Friends of the High Line* como inspiração para o projeto e conversão.



Figura 10: Promenade Plantée

(www.theguardian.com)

3.3 Design

Ao falar da concepção do projeto para a *High Line*, o arquiteto Scofidio explica, no seu site, que o parque interpreta a sua herança, inspirado na beleza de uma ruína pós-industrial tomada pela natureza e que traduz a biodiversidade que se instalou naquela estrutura ao longo dos anos. O *High Line* é instrumento de lazer e espaço para refletir o significado de natureza e cultura, utilizando uma estratégia que combina a agricultura e a arquitetura.



Figura 11: High Line imagem aérea

(www.thehighline.org/photos/at-a-glance/best-of/?pages_loaded=2)

A recuperação do espaço público, a reutilização adaptativa de uma estrutura industrial, que expõe trilhos e partes antes encobertas, e a preservação como estratégia para a sustentabilidade, a opção de não demolir a estrutura vai de encontro com a diminuição de gastos e com a utilização de novos materiais, são questões abordadas pelo design proposto.

Para conservar a ideia de ruína da estrutura, todos os componentes foram testados para garantir a sua força e resistência, as grades de ferro utilizadas como guarda-corpo foram reparadas e os trilhos originais foram mapeados e removidos para reparos e reinstalados no seu local original, sendo utilizados no projeto como uma peça integrada com a vegetação.

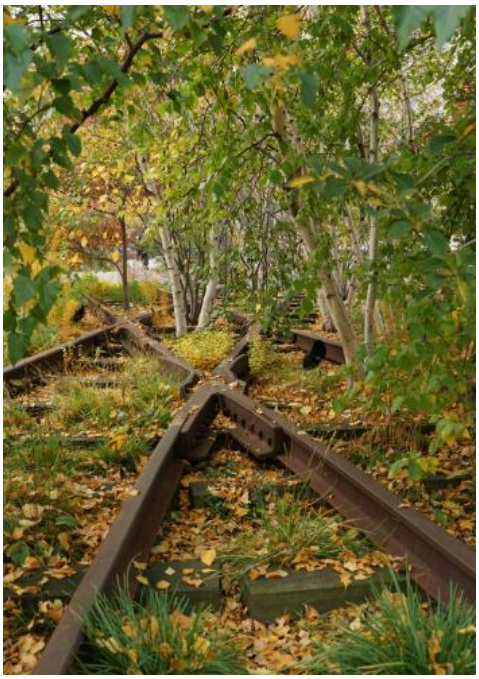


Figura 12: Trilhos ao logo do parque

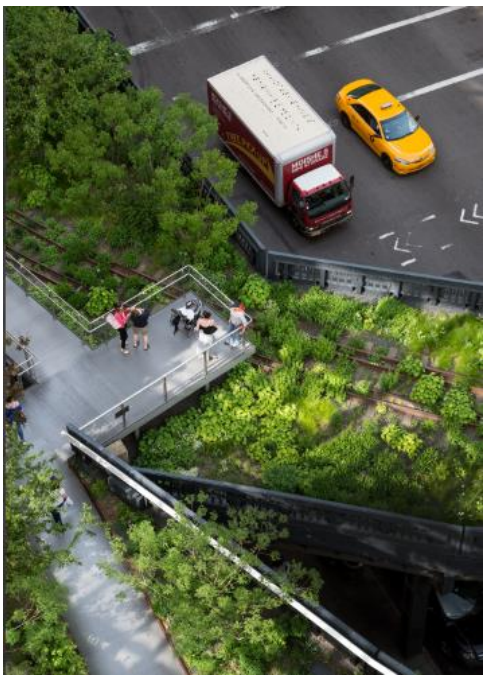


Figura 13: Trilhos ao longo do parque

(www.thehighline.org/photos/at-a-glance/best-of/?pages_loaded=2)

O pavimento do parque foi inspirado na paisagem criada pelo abandono da linha. Seguindo a tecnologia utilizada para telhados jardim, com um sistema de drenagem e impermeabilização da estrutura, ao longo de toda a linha estão unidades de pavimento mineral ou áreas verdes. Foram instaladas longas placas individuais pré-moldadas em betão que formam diferentes padrões para se mesclar com a vegetação, possuindo juntas abertas para permitir e estimular o crescimento de relva entre elas.

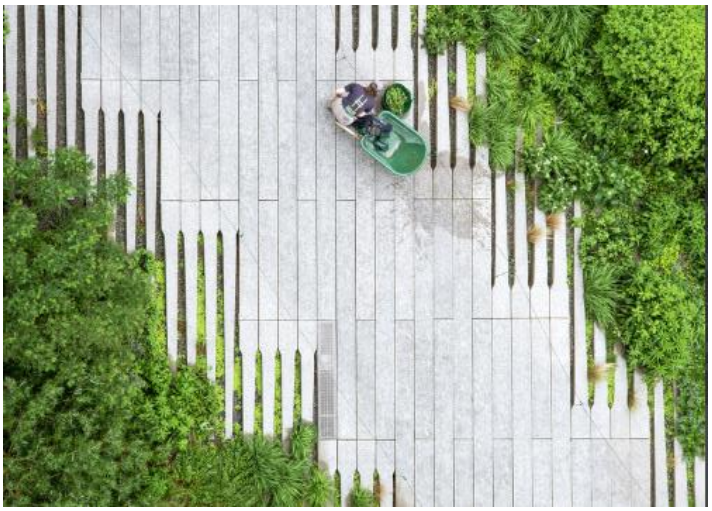


Figura 14: Pavimento e vegetação

(www.thehighline.org/photos/at-a-glance/best-of/?pages_loaded=2)

A iluminação é composta por um sistema de lâmpadas LED que foram incorporadas no mobiliário urbano, nos trilhos ou outros elementos do parque. Para evitar o ofuscamento, as lâmpadas foram instaladas na altura média da cintura de uma pessoa. Foram ainda instaladas lâmpadas na parte de baixo da estrutura da *High Line* para iluminar o passeio. Ao longo de todo o parque encontra-se mobiliário urbano, bancos em madeira e espreguiçadeiras criando diversas zonas de estar e para relaxamento. A *High Line* possui nove pontos de acesso, sendo que quatro possuem elevador e um possui casas de banho – distribuídos ao longo da seção 1 e 2 de forma uniforme.



Figura 15: Sistema de iluminação nos bancos

(www.thehighline.org/photos/at-a-glance/best-of/?pages_loaded=2)

O projeto paisagístico visava garantir a diversidade de espécies, dimensões e cores na vegetação. Levando em consideração as condições locais e climáticas, foi escolhida uma grande variedade de espécies de plantas nativas, fornecidas por produtores locais e que exigiam pouca manutenção, que reproduziam a aparência do que foi visto quando a ruína foi tomada pela vegetação.

Costa (2020) explica que ao longo da *High Line* estão espalhados bancos, mesas de piquenique, cadeiras, decks e arquibancadas que estimulam a permanência das pessoas no parque e que além de promover um espaço público sustentável, os eventos desenvolvidos no/pelo parque buscam a diversidade no local e a inclusão de diferentes grupos sociais.



Figura 16: Vista aérea, vegetação e mobiliário



Figura 17:Vista aérea, vegetação

(www.thehighline.org/photos/at-a-glance/best-of/?pages_loaded=2)

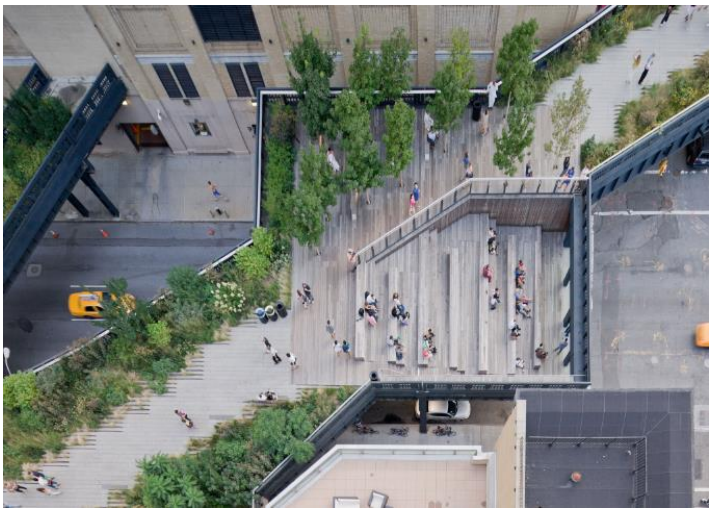


Figura 18: Vista aérea, mobiliário urbano

(www.thehighline.org/photos/at-a-glance/best-of/?pages_loaded=2)

A associação *Friends of the High Line* definiu princípios para o parque que conduziram o projeto da requalificação urbana, como:

Manter simples, selvagem, tranquilo.

Preservar os trilhos e atualizá-los para atender às normas e garantir a segurança.

Preservar os eixos norte-sul de vistas e a sua consistência linear.

Preservar e revelar sua estrutura proporcionando oportunidades para ocupar e apreciar detalhes.

Preservar suas condições originais e incomuns.

Preservar a paisagem selvagem e oportunista aumentando o número de espécies existentes.

Preservar o aspecto industrial da High Line no nível da rua.

Um dos idealizadores, Robert Hammond, explicou que um dos seus objetivos para a *High Line* era o parque tornar-se inspiração para novos projetos. Com o sucesso da reconversão da linha férrea, outras cidades como Chicago, St. Louis, Roterdão e São Paulo terão sido inspiradas a começar a implantar essa mesma ideia em locais que estavam em desuso e que podiam ser transformados em espaços públicos de qualidade.

CAPÍTULO IV – DIMENSÃO SOCIAL DA HIGH LINE

4.1 O novo zonamento do Hudson Yards

A *High Line* percorre três bairros de Manhattan, o Meatpacking District, onde está localizada grande parte da seção 1, continha mais de 250 armazéns para batedouros e embalagens no século XX. Nas décadas mais recentes, com o declínio de armazéns e fábricas na cidade, o bairro com grande significado histórico, abriga restaurantes, clubes, boutiques, estúdios de design e fotografia. O bairro de West Chelsea, com a maior parte da *High Line*, apesar de muito residencial, também continha grandes fábricas e armazéns que foram convertidas em galerias de arte. O bairro de Clinton/Hell's Kitchen, onde percorre o extremo norte da *High Line*, fez parte do (re)zoneamento em 2005, com a intenção de estimular o desenvolvimento em grande escala (Jardim, 2012).

Junto com a decisão de preservar a *High Line*, teve início o *Hudson Yards Rezoning*. A maior parte dos quarteirões por onde passa a *High Line* era de zoneamento industrial e em 2005 a cidade adotou uma proposta que estimulava o desenvolvimento naqueles bairros e permitia edifícios de uso misto, comercial e residencial ao longo da linha férrea. A ação pretendia encorajar o desenvolvimento e crescimento económico da região.



Figura 19: Hudson Yards Re(Zoning) Representação Gráfica.

(www1.nyc.gov/assets/planning/download/pdf/plans/hudson-yards/hy_zoning_012005.pdf. Acesso em: 09/05/2022)

Os três bairros citados anteriormente, que possuem características que contribuíram significativamente para o sucesso da *High Line*, com importância histórica e arquitetónica e edifícios novos e antigos em uma área urbana da cidade de Nova Iorque, junto do re(zoneamento) dos quarteirões possibilitaram uma maior densidade da área na envolvente da *High Line* através do desenvolvimento do mercado imobiliário, o que justificava o financiamento para a recuperação da High Line (Uffer e Ascher, 2015).

É importante ressaltar que em 2007 a Câmara lançou o PlaNYC, um plano com compromissos que dirigia o desenvolvimento de Nova Iorque nos aspectos físicos do crescimento da cidade, infraestruturas envelhecidas e precariedade das condições do meio ambiente.

4.2 O efeito High Line

Um espaço público de qualidade, como mencionado anteriormente, funciona como ferramenta para a regeneração de cidades e ajuda a minimizar problemas relacionados com a segregação social (ainda que essa ocorra de modo involuntário).

A ideia de transformar a antiga linha férrea abandonada num parque público que trouxesse qualidade de vida para o espaço e para os moradores, e proporcionasse algo para a cidade, como pretendiam os fundadores do grupo *Friends of the High Line*, foi bem-sucedida no seu projeto e na sua concepção. Como explica Prado (2019), a ideia inicial de revitalizar a área resultou num grande espetáculo urbano, o parque é reconhecido mundialmente pela iniciativa da comunidade e pela experiência que ele proporciona para os seus visitantes.

A abertura da *High Line* em 2009 atraiu visitantes, turistas e os mídia. O sucesso da sua requalificação impactou a economia e atraiu grandes investidores (Costa, 2020), com um rápido aumento nos valores das propriedades, o parque estimulou o desenvolvimento da seu envolvente, com a construção de novos edifícios e diferentes usos e atividades.

Como explicam Uffer e Ascher (2015), o Departamento de Planeamento Urbano de Nova Iorque relatou após a abertura da seção 2, que desde 2006 foram verificados 29 novos projetos construídos ou em construção nos distritos que abrangem a *High Line*, entre eles estavam unidades residenciais, hotéis, escritórios e galerias de arte (incluindo projetos de Jean Nouvel e Renzo Piano).

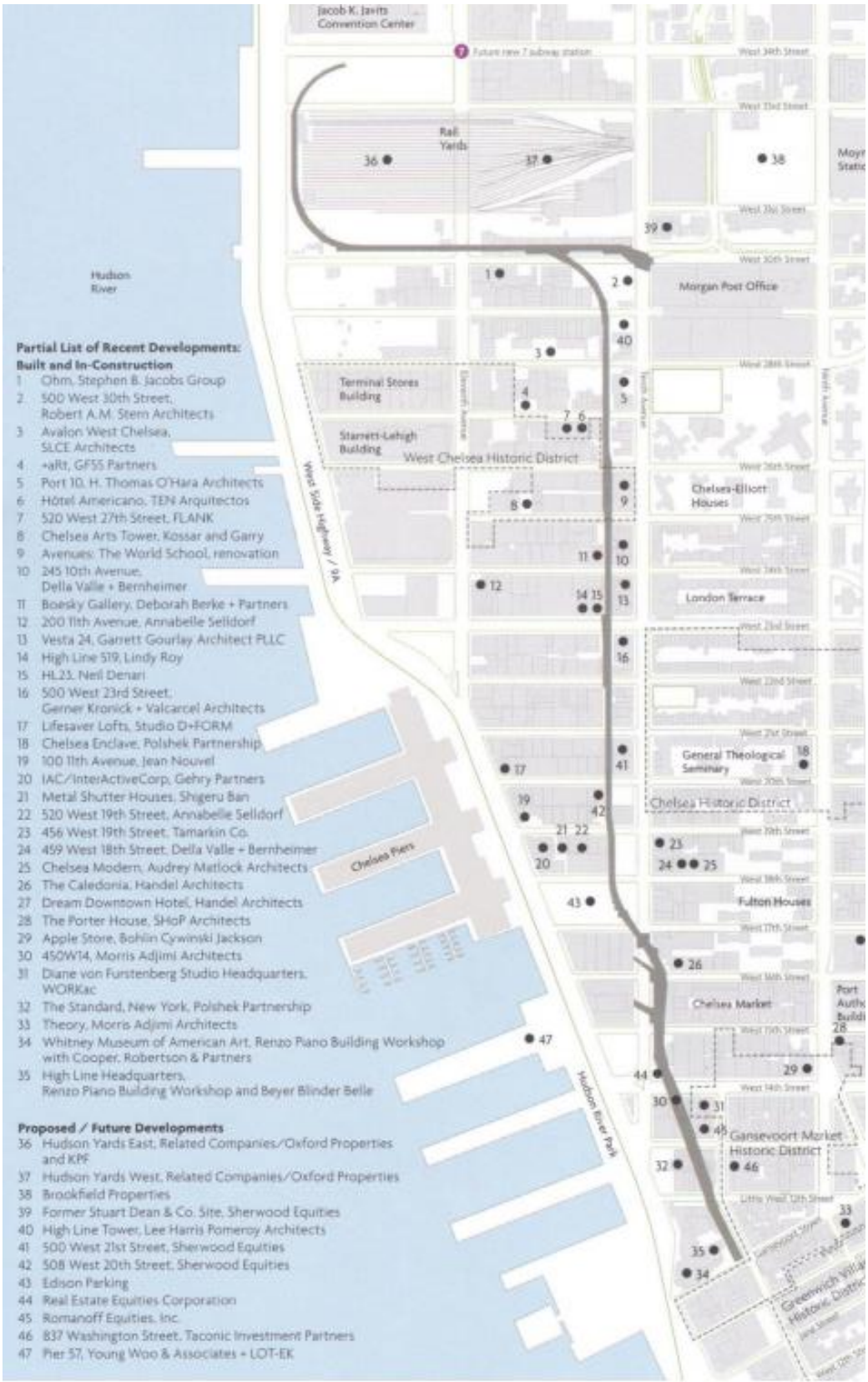


Figura 20: Empreendimentos no entorno da High Line

(adaptado de Jardim, 2012)

A região antes formada por indústrias, armazéns e serviços e habitada pela classe média, após a construção da *High Line* foi transformada numa área com galerias de arte e restaurantes sofisticados, lojas de luxo, hotéis e edifícios empresariais, onde o preço do solo aumentou consideravelmente (Gould, como citado em Costa 2012). O mercado imobiliário e o grande número de turistas fizeram com que o espaço público perdesse a identidade da comunidade.

O parque, dentro dos seus limites, é equitativo e acessível, todos podem usufruir uma vez que não possui portões ou bilhete de acesso, e conta com diversos eventos que promovem a inclusão e participação de diferentes grupos. Esses fatores e o modelo participativo visto no início do projeto podem ser consideradas formas de inclusão.

No entanto, quando abordada a dimensão social de um espaço e de uma requalificação, o entendimento de inclusão social não pode ser limitado ao acesso gratuito e à permissão de utilizar o espaço. É necessário analisar o que está por fora dos limites do parque, entender a sua envolvente e as consequências geradas.

É fato que a transformação do *High Line* valorizou o seu entorno e como explica Jardim (2012) a requalificação de áreas urbanas traz o risco do desenvolvimento de um processo de gentrificação. Jeremiah Moss (2012) acusa o parque de ser o responsável pela gentrificação que aconteceu no bairro de Chelsea, e Torres (2016) explica que esse processo pode ser chamado de gentrificação verde, ou seja, é a consequência de um projeto de sustentabilidade urbana em grande escala (Costa, 2020).

O fenómeno visto na envolvente do parque, o que diversos autores chamam de *High Line Effect*, apesar de não ser exclusivamente consequência da transformação da linha férrea, é um movimento cíclico e visto em vários países quando ocorre uma requalificação urbana bem realizada de uma área ou de um espaço público.

A especulação imobiliária e os novos investimentos que se fixaram nos bairros na envolvente da *High Line* proporcionaram um grande desenvolvimento económico, comercial e cultural. No entanto, o aumento de preços fez com que esse desenvolvimento atingisse somente uma parte da população. Apesar de terem direito ao espaço público, por questões financeiras, muitos não se identificam e não usufruem da área.

É importante ressaltar que existe uma separação entre a requalificação feita no parque e as transformações que ocorreram nos bairros envolventes, os processos aconteceram em paralelo e apesar de serem identificadas influências, todo esse processo não pode ser considerado exclusivamente consequência da transformação do *High Line*.

Já na década de 90, foi levantada a questão de gentrificação, quando bairros próximos passaram por processos de requalificação urbana, com novas atividades e com residências sendo ocupadas por artistas que saíram do SoHo (Jardim, 2012). De acordo com a mesma autora, em uma entrevista publicada pelo *The New York Times* em 1995, os moradores do Chelsea expressaram preocupações com a possibilidade do bairro se transformar em um novo Soho.

Outro ponto que importa mencionar é a força dos mídia na divulgação da *High Line* desde seu início para promover o projeto até a sua inauguração. Como consequência, o espaço público que deveria devolver algo para a comunidade transformou-se num ponto turístico. Obviamente, um espaço inclusivo recebe tanto moradores quanto turistas, mas a partir do momento que a comunidade para de usufruir ela não se identifica com aquele lugar. Moss (2012) explica que quatro anos após a abertura, o parque contava com 3,7 milhões de visitantes e somente metade deles eram nova iorquinos.

Para exemplificar os impactos sociais que ocorreram na envolvente da *High Line*, foram definidos três indicadores para serem analisados e comparados, sendo eles:

1. Valor Imobiliário;
2. Emprego e Renda;
3. Violência e Criminalidade

Os dados analisados foram retirados do *Furman Center* (furmancenter.org), um centro de debate e pesquisa académica sobre habitação, bairros e políticas urbanas, dos sites do governo da cidade de Nova Iorque, do *NYC Planning* (*Zola, Population FactFinder e Community District Profiles*) e da pesquisa feita pelo economista Michael Levere em 2014.

Mais uma vez é importante ressaltar que as comparações feitas do antes e depois do *High Line* não são consequências exclusivas do parque, outros fatores influenciaram as mudanças.

4.2.1. Valor Imobiliário

A mudança no mercado imobiliário pode ser considerada a principal consequência da reconversão da *High Line* - os novos investimentos fizeram com que os valores de edifícios habitacionais e comerciais aumentassem tanto para compra/venda quanto para arrendamento. Diversos autores mencionam a diferença nos valores do imoveis nas áreas adjacentes do parque após a requalificação.

O retorno económico que a reconversão da *High Line* poderia oferecer foi um dos motivos para conseguir o apoio financeiro da cidade para o projeto. A própria organização *Friends of the High Line* estimava que o parque iria aumentar a receita fiscal da cidade, ou seja, os recursos recolhidos pelo setor público através de impostos e taxas, em 250 milhões de dólares, ao longo de 20 anos devido os valores do mercado imobiliário. Com o seu sucesso, em 2014 essa estimativa passou para os 900 milhões de dólares em 20 anos. (Quintana, 2016).

O economista Michael Levere (2014) estudou o impacto que a abertura do parque da *High Line* teve nos preços de casas em áreas adjacentes e concluiu que, com a sua inauguração, num raio de 500m em torno do parque houve um aumento de 10% nos valores e que os impostos coletados pela cidade só em 2010 ultrapassavam o orçamento para a reconversão da linha, o que sugere uma boa relação de custo-benefício.

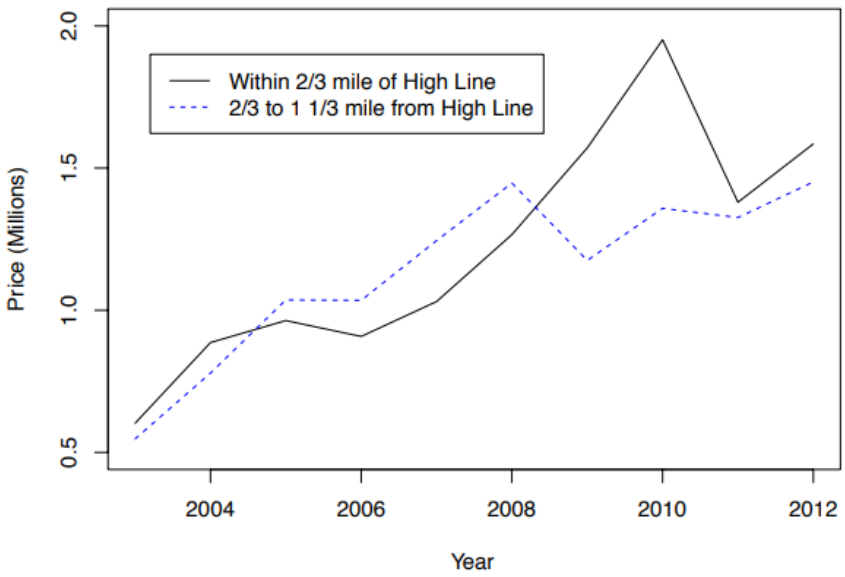


Figura 21: Home Sales Near High Line Park.

(Michael Levere, 2014)

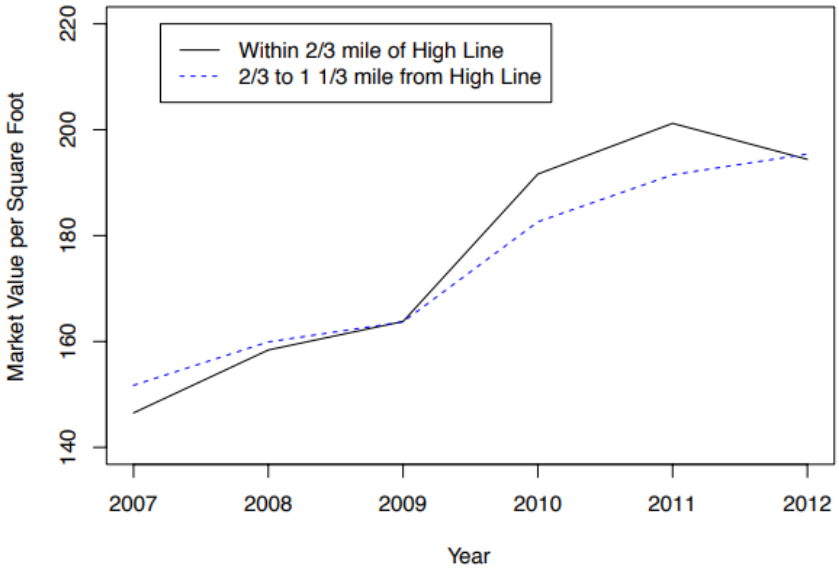


Figura 22: Home Valuations Near High Line Park.

(Michael Levere, 2014)

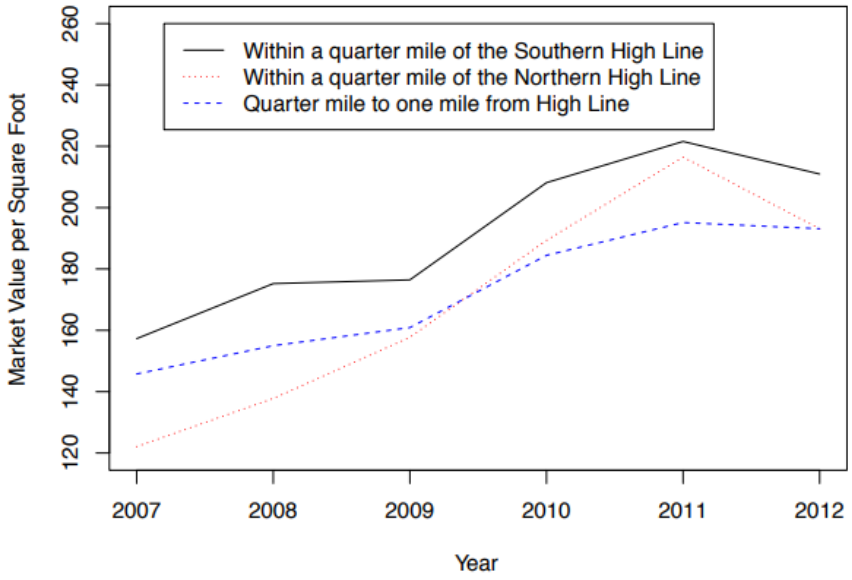


Figura 23: Home Valuations Near High Line Park.

(Michael Levere, 2014)

A partir da análise dos dados, Levere (2014) concluiu que em 2010 existiu uma quebra de tendência com um maior aumento nas avaliações das propriedades mais perto do parque do que naquelas um pouco mais afastadas. A figura 23, com a divisão das propriedades entre a parte sul e

parte norte da *High Line*, com aberturas em 2009 e 2011 respectivamente, sugere que a inauguração do parque gerou um aumento no valor das propriedades.

Costa (2020) explica que, de acordo com a Corporação de Desenvolvimento Económico da cidade de Nova Iorque *(NYC EDC),* as residências nas áreas adjacentes da estrutura da linha férrea quando estava abandonada estavam 8% abaixo da média de Manhattan. O aumento nos valores das propriedades próximas da *High Line* foi de 103% entre 2003 e 2011, data da abertura da segunda seção.

Quintana (2016) explica que em 2013, dois anos após a abertura da seção 2, o valor médio de vendas das habitações na envolvente do parque passou para 1,422,899 dólares (seção 1) e 877,152 dólares (seção 2), quando a média do bairro era de 763,301 dólares. Entre 2011 e 2014, o valor de venda aumentou 32% (seção 1) para 1,880,362 dólares e 24% (seção 2) para 1,090,232 dólares. Em 2016, na seção 1 o aumento foi de 50,6% e na seção 2 o aumento foi de 48,2%.

4.2.2 Emprego e Renda

Os novos investimentos que surgiram na época da construção, com o efeito *High Line* mencionado anteriormente, tiveram como uma das consequências os novos empregos gerados naquela região. Além dos novos projetos que estavam em desenvolvimento, em 2011, foram contabilizados desde 2006 pelo Departamento de Planejamento Urbano de Nova Iorque (DCP) cerca de 12 mil novas vagas de emprego, sendo 8 mil na área da construção civil. Tanto o parque da *High Line*, quanto os novos investimentos na sua envolvente como as galerias de arte, lojas de luxo e hotéis aumentaram as vagas de emprego disponíveis na Ilha de Manhattan.

Analisando os dados referentes ao mercado de trabalho em Manhattan, disponíveis no *NYU Furman Center*, é possível verificar que a taxa de desemprego aumentou durante os anos da construção da *High Line* e estava em 9.16% em 2010, ano seguinte a sua inauguração, e que a mesma caiu para 4.23% durante a década seguinte.

Labor Market	2000	2006	2010	2019
Labor force participation rate		67.0%	67.1%	68.2%
Population 25+ with a bachelor's degree or higher	49.4%	55.2%	58.1%	62.0%
Population 25+ without a high school diploma		16.2%	14.4%	12.2%
Unemployment rate	8.44%	6.75	9.16%	4.23%

Tabela 2: Neighborhood Indicators - Labor Market

(adaptado de NYU Furman Center. Acesso em: 30/05/2022)

Ainda que novos investimentos e empregos estivessem sendo gerados, houve poucas alterações quando nas médias salariais. A título de comparação foram analisados indicadores de antes e depois da reconversão da linha férrea na cidade de Nova Iorque e na Ilha de Manhattan.

De acordo com o Departamento do Trabalho dos Estados Unidos, o salário mínimo no país em 2009, ano de abertura do parque, era de 6,55 dólares/h. Em Nova Iorque, a média salarial em 2009 era de 7,25 dólares/h, o equivalente a uma média anual de 15.050 dólares. A partir de 2021, na cidade de Nova Iorque, o salário mínimo passou a ser de 15 dólares/h.

De acordo com a tabela do *NYU Furman Center*, em Manhattan, de 2006 a 2019 foi constatado um declínio no índice de diversidade de renda, de 8.4 em 2006 para 8.0 em 2010 e 7.8 em 2019. Entre esse mesmo intervalo de tempo a taxa de pobreza diminuiu de 18.3% para 14.0%. No entanto, na população maior de 65, a taxa de pobreza teve um aumento de 16.4% em 2010 para 19.2% em 2019.

A média salarial familiar apresentou um declínio entre 2006 e 2010 tanto para os que arrendavam suas casas quanto para os proprietários, os últimos com uma maior diferença entre os valores ao longo dos anos. Na década seguinte, entre 2010 e 2019, as médias salariais familiares tiveram um aumento significativo.

Income and Poverty	2000	2006	2010	2019
Income Poverty Ratio		8.4	8.0	7.8
Median Household Income	$77,670	$79,490	$77.460	$98.410
Median Household Income, homeowners		$170,330	$160,220	$193,410
Median Household Income, renters		$63,470	$63,360	$82,950
Poverty Rate	19,9%	18.3%	16.4%	14.0%
Poverty Rate, 65+		20.4%	17.0%	19.2%
Poverty Rate, under 18 years old		27.1%	22.2%	15.8%

Tabela 3: Neighborhood Indicators - Income and Poverty.

(adaptado de NYU Furman Center. Acesso em: 30/05/2022)

O aluguel médio em Manhattan passou de 1.430 dólares em 2006 para 1.840 dólares em 2019. Nesse mesmo ano, 22,2% das residências de locatários em Manhattan gastava mais de 50% da renda familiar em aluguer (NYU Furman Center).

4.2.3 Violência e Criminalidade

O espaço público tem um papel importante na questão da segurança urbana. Verissimo (2012) explica que alguns arranjos espaciais influenciam a segurança dos espaços públicos e do seu entorno diretamente.

A reconversão da linha férrea, que enquanto abandonada atraía utilizadores de drogas, crime e prostituição, proporcionou uma nova dinâmica para a sua envolvente. Ainda que as áreas adjacentes continuem a ter crimes e violência, foi verificada uma diminuição em algumas das taxas.

A tabela de Crime e Encarceramento produzida pela *NYU Furman Center* mostra uma queda nos números gerais, nos crimes em propriedades e na taxa de violência desde 2000 em Manhattan. Até 2010, ano seguinte a abertura do parque da *High Line*, a diferença dos números é significativa, a taxa de crimes graves saiu de 32.2 em 2000 para 17.1 em 2010 e os crimes em propriedade caíram de 23.8 em 2000 para 12.5 em 2010.

Crime and Incarceration	2000	2006	2010	2019	2020
Serious Crime Rate (per 1,000 residents)	32.2	22.3	17.1	17.1	15.7
Serious Crime Rate, property (per 1,000 residents)	23.8	16.7	12.5	12.4	11.2
Serious Crime Rate, violent (per 1,000 residents)	8.4	5.6	4.6	4.7	4.5

Tabela 4: Neighborhood Indicators - Crime and Incarceration

(adaptado de NYU Furman Center. Acesso em: 30/05/2022)

Em 2021, a taxa de crimes graves em Manhattan foi de 17,1 por 1.000 habitantes, em comparação com 12,2 crimes graves por 1.000 residentes em toda a cidade (NYU Furman Center).

A segurança e os baixos números de criminalidade vistos no parque da *High Line* podem ser influenciados pelo seu design. Como o parque é linear, não existem áreas mais afastadas ou de difícil acesso que podem favorecer a ocorrência de algum crime. A presença de seguranças e câmaras de vigilância fazem com que o espaço seja controlado a todo o momento. As entradas são condicionadas e pontuais ao longo do parque e fecham às 23h. Essa disposição dificulta e limita as rotas de fuga de alguém que decida cometer um crime dentro da *High Line*.

A teoria do "*eyes on the street*" ("olhos na rua") de Jane Jacobs foi posta em prática no parque da *High Line*. Na teoria, Jacobs (1961/2000) explica que os bairros eram mais seguros quando existiam olhos voltados para a rua que tinham ali a sua vida quotidiana e, indiretamente, monitoravam o espaço. No parque, pela sua altura e proximidade as janelas dos edifícios residenciais e comerciais estão voltadas para a *High Line* e assim proporcionam uma maior sensação de segurança.

Numa entrevista, um dos fundadores do grupo *Friends of the High Line*, Joshua David, diz que os parques vazios são mais perigosos do que aqueles que são movimentados. David explica ainda que nunca se está realmente sozinho na *High Line*, ou seja, visitantes, câmaras ou olhos nas janelas estão sempre presentes no parque.

Benfield (2011) explica que os parques urbanos e a densidade próxima precisam um do outro para obterem sucesso e que os parques precisam dessa densidade para serem mantidos e se tornarem espaços seguros, como acontece com a *High Line.*

4.3. Síntese

Após as comparações feitas com os dados recolhidos, entende-se que a história contada nos meios de comunicação não mostra algumas das consequências da reconversão do parque. Quintana (2016) chama-a de versão Broadway da história da *High Line*, onde existe um final feliz entre o novo parque e espaço público, o desenvolvimento do mercado imobiliário e o (re)nascimento de um bairro como um dos mais caros e inovadores na cidade.

Apesar de acontecerem em paralelo, o sucesso do próprio parque e do desenvolvimento na sua envolvente estão conectados. Isto quer dizer que, os novos investimentos não existiriam se não fosse pelo (re)zoneamento e reconversão da linha férrea, e ao mesmo tempo, a *High Line* não seria a mesma sem os edifícios adjacentes. Quintana (2016) explica que a relação entre os dois dá-se quando analisados os valores imobiliários que estão associados ao local.

A valorização do mercado imobiliário e as rendas mensais nos anos perto da abertura do parque e dos novos investimentos, podem indicar que muitos dos moradores, comércios e serviços da região precisaram mudar para outros bairros com valores que se aproximavam da realidade salarial de antes desse desenvolvimento, dando origem a uma nova comunidade que se instala nos bairros.

CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação teve como objetivo geral compreender as relações entre o espaço público e a desigualdade social, e entender a importância do espaço púbico enquanto ferramenta transformadora e influente na cidade.

De facto, as formas de planeamento urbano verificados ao longo das últimas décadas espelharam as constantes transformações na vida urbana. O papel e a conceção do espaço público, elemento visto como a própria cidade, foi, por muitas vezes, ignorado. Com iniciativas que consideram a importância do espaço público como um local de identificação e integração, em busca de qualidade de vida a nível social, económico e ambiental, o planeamento do espaço público começa a ser desenvolvido de acordo com as necessidades da população.

Ao longo da dissertação argumenta-se que o espaço público é crucial para manter, não só a qualidade de vida das cidades e da sociedade, mas também para exercer o seu papel de espaço democrático.

O estudo do parque da *High Line* (o paradoxal caso da recuperação de uma infraestrutura rodoviária sobre uma rua, numa área da cidade onde o sistema de ruas tem o papel principal) identifica o quanto o novo espaço público contribuiu para o desenvolvimento económico de toda a área onde está inserido, mas também verifica um processo de gentrificação que alterou as dinâmicas do local, afetando positiva e negativamente a comunidade adjacente.

No caso do parque em Nova Iorque seria utópico pensar que essa transformação urbana fosse gerar uma integração total e cotidiana entre as diferentes classes sociais dos moradores da cidade. Com esses fatores em consideração e após as comparações feitas, as perguntas que interessam responder são:

1. A *High Line* atingiu os objetivos propostos pelos seus idealizadores?
2. O que seria justo que tivesse acontecido com a *High Line*?
3. A *High Line* é um instrumento de segregação ou de integração social?

Uma das principais conclusões que se tira do estudo do parque da *High Line* é que os seus impactos tomaram uma proporção maior do que o esperado. No entanto, o processo verificado é cíclico e ocorre em diversos locais que passam por uma requalificação urbana.

Um dos fundadores do grupo *Friends of the High Line*, Robert Hammond, considera que eles não conseguiram criar um parque que beneficia a vizinhança, uma vez que as preocupações com o design eram maiores do que as preocupações com os efeitos que a *High Line* teria no seu entorno.

A ideia inicial de proporcionar algo para a área de proximidade não foi bem-sucedida, seja pelo processo de gentrificação, pelos novos investimentos ou pelo grande número de turistas fomentado pela força da mídia - a comunidade que vivia ali foi obrigada a se transformar, e não é o utilizador primário do parque.

É muito difícil afirmar o que deveria ter acontecido com a *High Line* uma vez que a integração total das classes seria inexistente após a sua transformação.

Não existe a possibilidade de modificar os efeitos da *High Line*, o que é possível é levar em consideração, ao desenvolver novos projetos de requalificação, os problemas sociais provenientes do sucesso económico de transformações com esse mesmo padrão e tentar minimizá-los, considerando políticas públicas e iniciativas que colocam a comunidade antes do design.

Ao entender os impactos sociais de uma requalificação não é possível obter uma resposta direta e objetiva no que diz respeito à sua integração ou segregação, são muitas as condicionantes que influenciam os impactos do parque. Foram verificados pontos positivos e negativos na transformação da *High Line*.

Dentro dos seus limites é possível considerar o parque como sendo um espaço público que promove a integração social. É um espaço seguro, que segue os pontos de planeamento mencionados anteriormente, e visa um local democrático, com a promoção de diversos eventos e espaços para toda a comunidade. A *High Line* promoveu ainda o desenvolvimento de toda a envolvente, possibilitou novos investimentos naquela área e consequentemente, novos empregos. Esses fatores são indicativos de um espaço socialmente integrativo.

Em contrapartida, os seus efeitos aceleraram o processo de gentrificação verificado nos bairros adjacentes ao parque. Todo o desenvolvimento visto ali modificou as dinâmicas do local, com um aumento nos valores e a marginalização dos moradores anteriores, a requalificação urbana teve como uma de suas consequências a segregação económica e social. O grande número de turistas no parque, fomentado pelo sucesso da *High Line* nos mídia, fizeram com que o espaço se tornasse um ponto turístico, aumentando ainda mais a segregação e não proporcionando um parque de uso diário dos moradores.

Vale mais uma vez ressaltar, que a requalificação do parque não pode ser considerada o único fator para as mudanças que ocorreram, apesar da sua grande influência.

Em resumo, mesmo que de maneira não intencional, quando a dimensão social de um espaço público não é levada em consideração, isso abre caminho para a criação de uma área que segrega as classes sociais.

Vale ressaltar algumas das limitações encontradas ao longo do estudo. A principal delas é o fato de não ter visitado e experienciado o parque da High Line, entender os seus espaços, observar os visitantes e as dinâmicas do seu entorno.

Outra limitação encontrada, é o fato de não ter realizado entrevistas com moradores, visitantes e mão de obra local. Uma vez que a pesquisa envolve os impactos sociais da High Line, seria interessante obter perspectivas de quem realmente a experiencia no cotidiano e confrontar as respostas com os resultados obtidos através das análises.

As reflexões apresentadas aprofundaram as relações entre o espaço público e a sua dimensão social utilizando, não só de uma revisão bibliográfica, mas também de um caso prático. O estudo de como o espaço público funciona como base para a transformação de cidades, despertou o interesse em entender como outros casos de requalificações urbanas influenciam as questões sociais das comunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, C. (2012). *Desigualdade social e pobreza: ontem, hoje e (que) amanhã.* Revista Angolana de Sociologia. Luanda: Sociedade Angolana de Sociologia.

Andrade, C. R. M. (1992). *A peste e o plano: o urbanismo sanitarista do Engº Francisco Saturnino de Brito.* Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Barbosa, M. L. T. M. (2014). *Espaço Público Urbano, em Constante Transformação: Um estudo sobre os discursos teóricos e a prática do espaço público contemporâneo.* Dissertação de Mestrado em Planeamento e Projeto Urbano - Departamento de Engenharia Civil, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto.

Benfield, K. (2014). *New York's Iconic High Line: Why the Green Space Is So Safe.* The Atlantic. Disponível em: https://www.theatlantic.com/national/archive/2011/06/new-yorks-iconic-high-line-why-the-green-space-is-so-safe/240575/ (Acesso em: 29/06/2022)

Berens, C. (2011). *Redeveloping Industrial Sites: A Guide for Architects, Planners and Developers.* New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

Brooks, G. (2010). *Reusing and Repurposing New York City's Infrastructure: Case Studies of Reused Transportation Infrastructure.* Nova Iorque: New York University.

Carvalho, A. C. (2015). *A Segurança Urbana e o Desenho do Espaço Público: contributos para a prevenção do crime e de incivilidades.* Dissertação de Mestrado em Ciências Policiais – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, Lisboa.

Costa, F. R. S. (2020). *Revitalização de Espaços Públicos: os casos do High Line Park em Nova York e do minhocão em São Paulo.* João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.

David, J., Hammond, R. (2011). *High Line: The Inside Story of New York City's Park in the Sky.* FSG Originals.

Ferreira, F. S., Secundini, L. S. (2021). *Planejamento Urbano e segregação socioespacial nas cidades.* Barra do Bugres: Zeiki.

Frederick, M. (2007). *101 things I learned in architecture school*. MIT Press.

Freeman, L. (1978). *Segregation in Social Networks*. Sociological Methods and Research.

Future of Places (2013). *Conference Report*. Future of Places.

Gehl, J. (2010). *Cidades para Pessoas*. São Paulo: Perspectiva.

Gehl, J. (2011). *Life between buildings: using public space*. Washington: Island Press.

Gonçalves, J. (2006). *Os Espaços Públicos na Reconfiguração Física e Social da Cidade*. Coleção Teses. Universidade Lusíada Editora.

Guedes, V. M. (2012). *Planejamento Urbano e Princípio de Igualdade.* Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Haynie, H. J., Kavannagh, P. H., Jordan, F. M., Ember, C. R., Gray, R. D., Greenhill, S. J., … Gavin, M. C. (2021). *Pathways to social inequality.* Evolutionary Human Sciences. Cambridge: Cambridge University Press.

Hillier, B, Sahbaz, O. (2008). *An evidence based approach to crime and urban design: Or, can we have vitality, sustainability and security all at once?* University College London, Londres.

Indovina, F. (2002). *O Espaço Público: Tópicos sobre a sua Mudança.* Cidades – Comunidades e Territórios.

Jacobs, J. (1961/2000). *Morte e Vida de Grandes Cidades.* São Paulo: Martins Fontes.

Jardim, R. M. (2012). *Revitalização de espaços urbanos ociosos como estratégia para a sustentabilidade ambiental: o caso do High Line Park no contexto do PlaNYC.* Dissertação de Mestrado em Engenharia Urbana Ambiental. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Krier, R. (1979). *Urban Space.* Londres: Academy Editions.

Lawrence, R. J. (2002). *Inequalities in urban areas: innovative approaches to complex issues.* Switzerland: Taylor & Francis.

Levere, M. (2014). *The High Line Park and Timing of Capitalization of Public Goods.* Department of Economics, UC San Diego.

Lima, W. C. S. (2020). *Paisagem Segura Relações Escalares Entre Morfologia e Vitalidade Urbana.* Pontifícia Universidade Católica Do Paraná Programa De Pós-Graduação Em Gestão Urbana, Curitiba.

Lipollis, L. (2016). *Viagem aos Confins da Cidade A Metrópole e as Artes no Outono Pós-Moderno (1972 - 2001).* Lisboa: Antígona.

Lynch, K. (1960). *The image of the city.* Cambridge: The M.I.T Press.

Machielse, W. (2015). *Perceived safety in public spaces - A quantitative investigation of the spatial and social influences on safety perception among young adults in Stockholm*. Stockholm University, Faculty of Social Sciences, Department of Human Geography

Mattison, S. M., Smith, E. A., Shenk, M. K. e Cochrane, E. E. (2016). *The Evolution of Inequality.* Evolutionary Anthropology. Wiley Periodicals, Inc.

Moss, J. (2012). *Disney World on the Hudson.* The New York Times. Disponível em: https://www.nytimes.com/2012/08/22/opinion/in-the-shadows-of-the-high-line.html (Acesso em: 09/06/2022)

Netto, V. M. (2015). *The city as result: Unintended consequences of architectural choices.* The Social Fabric of Cities. Londres: Routledge.

Netto, V., Meirelles, J. V., Pinheiro, M. e Lorea, H. (2017). *Uma geografia temporal do encontro.* Revista de Morfologia Urbana.

Peppas, L. (2005). *Life in ancient Greece.* New York: Crabtree Pub.

Pinto, A. J., Remesar, A. e Amado, M. P. (2008). *Espaço Público: Contributos para a Coesão Territorial do Espaço Urbano*. Em 5º Congresso Luso-Moçambicano de Engenharia: A Engenharia no Combate à Pobreza, pelo Desenvolvimento e Competitividade. Maputo.

Porfírio, F. (2019). *Desigualdade Social.* História do Mundo. Disponível em: https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/desigualdade-social.htm (Acesso em: 04/04/2022)

Pozzi, C. (2014). *Regenerative Re-use of the Informal City.* IERI Procedia.

Price, T. D., Feinman, G. M. (2010). *Social Inequality and the Evolution of Human Social Organization.* Springer Science+Business Media.

Quintana, M. (2016). *Changing Grid: Exploring the Impact of the High Line.* Disponível em: https://streeteasy.com/blog/changing-grid-high-line/ (Acesso em: 08/06/2022)

Rodrigues, L. O. *Estratificação e desigualdade social.* Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/estratificacao-desigualdade-social.htm (Acesso em: 04/04/2022)

Sairinen, R. (2004). *Social impact assessment in urban planning.* Finland: WIT Press.

Santos, R. I. T. (2018). *O Espaço Público na Regeneração da Cidade.* Dissertação de Mestrado em Arquitectura – Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Saraiva, M., Neves, A. V., Santos, H., Diniz, M., Jota, L. e Ribeiro, P. (2019). *A Prevenção Criminal Através do Espaço Construído (CPTED) Em Portugal: Revisão da Literatura e Redes de Conhecimento.* Revista Portuguesa de Estudos Regionais.

Silva, A. P. C., Araújo, M. M. (2006). *O planejamento urbano como ação afirmativa para inclusão socioespacial.* Belo Horizonte: PUC Minas.

UN-Habitat (2016a). *Global Public Space Toolkit: From Global Principles to Local Policies and Practice.*

UN-Habitat (2016b). *Guidelines for Urban Planning*. UN-Habitat.

UN-Habitat (2016c). *Urbanization and Development: Emerging Futures*. World Cities Report 2016. Nairobi.

Uffer, S., Ascher, K. (2015). *The High Line Effect.* Chicago: Council on Tall Buildings and Urban Habitat

Vaughan, L. (2007). *The Spatial Syntax of Urban Segregation.* Progress in planning. Londres: Elsevier.

Verissimo, R. (2012). *Espaço Público e Segurança Pública: duas abordagens teóricas de prevenção do crime e violência.* Dissertação de Mestrado em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Viegas, M. V. (2019). *A Reurbanização das Áreas Contíguas ao Complexo Urbanístico High Line (NY).* Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.

Vieira, A. M. (2018). *O desenho urbano como estratégia no incremento da percepção de segurança no espaço público.* Tese de Mestrado em Urbanismo Sustentável e Ordenamento do Território. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Wickert, A. P. (2019). *Planejamento Urbano e Espaços Públicos: parques como ferramenta de transformação social.* ArchDaily Brasil. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/928652/planejamento-urbano-e-espacos-publicos-parques-como-ferramentas-de-transformacao-social (Acesso em: 27/04/2022)

Websites

Community District Profiles. Disponível em: communityprofiles.planning.nyc.gov/ (Acesso em: 03/05/2022)

NYC Planning. Disponível em: www1.nyc.gov/site/planning/index.page (Acesso em: 07/05/2022)

NYU Furman Center. Disponível em: furmancenter.org (Acesso em: 27/05/2022)

Population FactFinder. Disponível em: popfactfinder.planning.nyc.gov/#12.25/40.724/-73.9868 (Acesso em: 07/05/2022)

ZoLa. Disponível em: zola.planning.nyc.gov/about/#9.72/40.7125/-73.733. (Acesso em: 03/05/2022)